

A ESPIRITUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA:  
EXPLORANDO A IMPORTÂNCIA E IMPACTO NA VIDA  
INDIVIDUAL E COLETIVA.

LUCIANA RIBEIRO MEDINA

Pós-graduada, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

ELISEU FERNANDES GONÇALVES

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

[eliseuhistoriador@gmail.com](mailto:eliseuhistoriador@gmail.com)

ISAÍAS LUIS DE ARAÚJO JÚNIOR

Mestre, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

[prof.isaias@faculdadevitoriaemcristo.edu.br](mailto:prof.isaias@faculdadevitoriaemcristo.edu.br)

YOHANS DE OLIVEIRA ESTEVES

Doutor, Faculdade Vitória em Cristo, RJ

[prof.yohans@faculdadevitoriaemcristo.edu.br](mailto:prof.yohans@faculdadevitoriaemcristo.edu.br)



**Resumo:**

A espiritualidade neste momento está envolvida em vários campos de problematização e é desafiada a enfrentar diferentes questões. A espiritualidade libertadora enfrenta o desequilíbrio produzido pelo complexo industrial-militar dos países ricos em relação aos explorados do sul. A espiritualidade feminista está lidando com a desigualdade das mulheres na igreja e na cultura. A ecoespiritualidade trata da violência do ser humano contra a natureza. Em muitas religiões, a espiritualidade está envolvida no diálogo inter-religioso. Estes são apenas alguns campos sobre uma “megatendência” que assume muitas formas ao longo dos séculos. Seguindo este contexto, temos por objetivo abordar a respeito da espiritualidade na sociedade contemporânea, de forma a demonstrar como essa espiritualidade afeta de modo positivo ou de modo negativo o indivíduo na pós- modernidade. Para isto, como método utilizou-se o estudo bibliográfico, pois o intuito foi de organizar e levantar informações ou conhecimentos prévios sobre a questão levantada. Hoje, estamos num momento em que podemos apreciar melhor a exigência de rigor no seguimento de um caminho espiritual. As experiências espirituais contemporâneas, conduzidas como provas em contextos reais, podem oferecer novas respostas aos desafios sociais e culturais reais. E pode levar a formas de espiritualidade que ressoam com a compreensão científica contemporânea. Assim, a experiência espiritual pode fornecer novos tipos de soluções para os problemas e crises de hoje, razão pela qual existe um interesse crescente por ela.

**Palavras-chave:** Espiritualidade; Contemporânea; Teologia; Igreja; Sociedade.



## Introdução

Um número muito maior de pessoas preocupa-se com o que é colocado sob o título de espiritualidade e experiência religiosa do que com os conceitos ou conteúdo da crença, ou mesmo com a Bíblia. Muitos que seriam relutantes em aderir a credos e igrejas formais ou mesmo em reivindicar com muita convicção religiosa estão prontos a testemunhar experiências identificadas como religiosas, por mais difícil que seja defini-las ou explicá-las. Rivalizada apenas pela ética, esta é a área em que a reflexão e a atividade religiosa têm a sua expressão mais típica e difundida. Essa expressão varia desde anseios privados incipientes, porém muitas vezes profundamente sentidos, até às liturgias públicas mais meticulosamente formuladas e encenadas.

O que estes têm em comum é a busca de Deus ou do “Outro”, ou então (como se poderia dizer) a resposta à busca do Outro pelas criaturas humanas. Aqui encontramos o coração democrático da religião. Nesta esfera, pessoas de toda a gama de capacidade intelectual e de todo o espectro social são levadas a uma certa igualdade. Também nesta área, o discernimento profundo e a credulidade tola podem misturar-se surpreendentemente em todos os níveis de capacidade mental ou de aparente profissionalismo religioso.

O isolamento da espiritualidade ou da experiência para tratamento especial e, na verdade, o próprio uso da espiritualidade como um termo especial para descrever este aspecto da vida e do comportamento religioso, teria confundido os pensadores cristãos na maior parte do século, a respeito da história da Igreja. Todo o pensamento racional sobre Deus e



os elementos da crença cristã eram parte integrante da busca da alma pelo divino, todos ligados à jornada da salvação.

Pois qual outro poderia ser o propósito da vida senão alcançar a união com Deus, que entrou na arena humana em Cristo para nosso resgate? Articular a fé e engajar-se na busca eram aspectos gêmeos de um único empreendimento.

Somente com o Iluminismo se tornou comumente concebível refletir sobre Deus num espírito de desapego, ceticismo e até mesmo descrença e (mais relevante para a nossa preocupação atual) no contexto de uma vida em que a oração e a adoração desempenhavam apenas um papel formal, parte ou, eventualmente, nenhuma parte. Para um filósofo da religião ou mesmo o teólogo não praticante é um fenômeno moderno, que teria parecido tão improvável em períodos anteriores quanto um músico surdo ou um artista daltônico.

Teria havido pouca noção das virtudes, na busca da verdade (agora o objetivo motivador), da investigação desapaixonada e descomprometida. Mesmo teólogos cristãos comprometidos, no entanto, muitas vezes partilhavam algo desta separação entre o pensamento cristão e a intensidade da busca por Deus. Simbolicamente, o lar da teologia, especialmente no Ocidente protestante, passou a ser a universidade cada vez mais secular, e não o mosteiro. Poderia haver (ou, cada vez mais, não) um contexto de culto, porém esse não era, como no mosteiro, a razão de ser da instituição, o elemento dominante na vida. O escritório ou biblioteca, e não a capela, passou a ser o local onde acontecia a ação.



No entanto, ironicamente, foi apenas em tempos relativamente recentes que a “espiritualidade” passou a ser identificada como um objeto distinto de atenção de pensadores religiosos de vários tipos e como uma disciplina acadêmica no ramo da teologia como um todo; independentemente do interesse popular generalizado que passou a atrair. É possível ver este desenvolvimento como uma reação natural e até mesmo protestar contra os efeitos retardadores do secularismo prevalecente.

A nível acadêmico, talvez seja melhor encara-lo como um entre vários exemplos de separação de novos objetos de estudo uma quebra muito necessária do molde tradicional da agenda acadêmica. Assim como, a nível popular, pode haver, em certos casos, algo de escapista e de distorção, e até de enfraquecimento, no isolamento da “espiritualidade”, com o seu aparato de afastamento da vida, de outros aspectos do pensamento e da atividade cristã, também a sua separação como disciplina de investigação pode ter desvantagens. Pode, por exemplo, levar a evitar os desafios estimulantes colocados pela filosofia da religião, pela ética e pelos estudos bíblicos, e pode carecer de algo do rigor da sua vizinha mais próxima, a teologia sistemática.

Tudo isso pressupõe, claro, que é impossível atrasar o relógio restaurar o sentido da teologia como uma busca unificada, reunindo todos os recursos conforme apropriado para um único empreendimento acordado, para buscar aquilo que pode agora ser expresso como o divino. Afinal de contas, poucas pessoas sensíveis negariam o carácter inerradicável e enriquecedor desta tendência “investigadora” do espírito humano, quer seja vista como dirigida para dentro, para as profundezas do eu, ou para



fora, em direção a Deus, como quer que seja descrito. Contudo, certamente não é um empreendimento unificado, porém talvez muitos empreendimentos unificados, com indivíduos e grupos chegando às suas próprias sínteses de pensamento teológico centrado em um propósito que transcende a suposta neutralidade do secular e faz justiça à totalidade da aspiração humana, isto é, uma forma pela qual a espiritualidade pode alcançar um papel estabilizador e focalizador.

Porém, da religião, como de tudo o mais, é inevitável que haja muita diversidade, muito sincretismo, muita (em termos cristãos tradicionais) indisciplina e até anarquia. À espiritualidade, enquanto disciplina acadêmica, não faltará espaço para analisar, ordenar e avaliar uma massa de fenômenos surpreendentemente diversos.

Em alguns círculos, tanto no passado como no presente, a espiritualidade correspondeu à rejeição implícita, aparentemente presente na própria palavra, do contexto material da vida neste mundo. Porém ao lado desta tendência de fuga do mundo e, pode-se considerar, mais fiel aos fundamentos do Cristianismo na Encarnação, o envolvimento completo do divino dentro do mundo, há também uma tradição persistente de uma espiritualidade que vive à luz desse envolvimento e procura estendê-lo. Aqui o vínculo com a ética cristã é mais forte.

A espiritualidade cristã nunca se preocupou apenas com “o que um homem faz com a sua solidão”. Mais uma vez, o carácter essencialmente corporativo e social da crença cristã desde os seus primórdios, com Cristo visto como o inaugurador de um povo novo ou renovado, juntamente com a experiência contínua do culto coletivo, significaram que este lado da busca divina tem em à prática tem sido dominante, embora seja o lado



mais pessoal que aparece principalmente na tradição literária da espiritualidade cristã.

Seguindo este contexto, temos por objetivo abordar a respeito da espiritualidade na sociedade contemporânea, de forma a demonstrar como essa espiritualidade afeta de modo positivo ou de modo negativo o indivíduo na pós- modernidade.

Para isto, como método utilizou-se o estudo bibliográfico, pois o intuito foi de organizar e levantar informações ou conhecimentos prévios sobre a questão levantada. A coleta de dados para subsidiar a presente discussão foi formulada em duas etapas. Na primeira, foi processada uma busca, em inglês e português, por materiais cuja referência trata sobre espiritualidade e sociedade contemporânea. Para isso, utilizou-se como base de dados as plataformas Google Acadêmico e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Na segunda fase foi efetuada uma busca por páginas eletrônicas de organizações e entes públicos conduzindo a pesquisa para exploração da importância e do impacto da espiritualidade na vida individual e coletiva em uma sociedade contemporânea.

## **1. Espiritualidade e Teologia**

'Espiritualidade' é uma palavra comumente usada, porém difícil de definir. Os teólogos às vezes criticam que a espiritualidade como disciplina reivindica recursos ilimitados (por exemplo, históricos, teológicos, filosóficos, psicológicos e antropológicos) sem ter uma metodologia própria. Nos últimos anos, foram feitas tentativas para fornecer uma definição e metodologia coerentes, tanto do ponto de vista teológico como



histórico (Kinerk 1981; Principe, 1983; Schneiders 1986, 1989; Hanson 1990; Sheldrake 1991). Como resultado, a espiritualidade emergiu como um assunto interdisciplinar que se preocupa com a dimensão especificamente “espiritual” da existência humana.

Como veremos, tem havido tentativas de definir a “espiritualidade” genericamente, transcendendo os pressupostos de tradições religiosas específicas. No entanto, as opiniões divergem relativamente a este processo. Em termos cristãos, a “espiritualidade” refere-se à forma como as pessoas se apropriam subjetivamente das crenças tradicionais sobre Deus, a pessoa humana, a criação e a sua inter-relação, e depois as expressam na adoração, nos valores básicos e no estilo de vida. Assim, a espiritualidade é a totalidade da vida humana vista em termos de um relacionamento consciente com Deus, em Jesus Cristo, através da habitação do Espírito e dentro da comunidade dos crentes. Como área de estudo, a 'espiritualidade' examina esta dimensão da existência humana do ponto de vista histórico, fenomenológico e teológico (Schlaepfer; Chaves,2020).

A palavra “espiritualidade” tem uma linhagem relativamente curta e estava confinada, até recentemente, aos círculos católicos romanos e anglicanos. O que se procura descrever modificou-se de forma ao longo dos séculos, seja de forma sutil ou substancial, à medida que a compreensão de Deus, da Igreja e da pessoa humana evoluiu em diferentes contextos. Mais significativamente, nas últimas décadas houve uma mudança de paradigma no método teológico que teve um efeito importante na forma como a espiritualidade é compreendida. Anteriormente, a teologia era predominantemente analítica, lógica, dedutiva na abordagem, com um corpo de conhecimento estável, rico em





tradição e equipado para responder a todas as questões de um ponto de vista a priori. As abordagens à “vida espiritual” foram estruturadas de forma semelhante e separadas da experiência humana (De Oliveira Ribeiro, 2020).

Uma maior reflexão sobre a experiência humana como um autêntico locus theologicus facilitou um afastamento das compreensões estáticas da vida cristã. Ao mesmo tempo que o pensamento teológico avançou para um método mais indutivo e experiencial, a “espiritualidade” tornou-se mais uma tensão dialética. Por um lado, existe a concretude da revelação em Jesus Cristo e da tradição subsequente e, por outro, a apropriação do Evangelho por cada pessoa dentro de circunstâncias históricas e culturais específicas (Wisniewski, 2023).

A espiritualidade opera na fronteira entre a experiência e a tradição e não subordina inquestionavelmente a primeira à segunda. Conseqüentemente, surgiu a constatação de que as tradições espirituais são inicialmente incorporadas nas pessoas e não na doutrina e começam com experiências e não com ideias abstratas. O problema de definir “espiritualidade” nos últimos anos surge em parte porque já não é um fenômeno único e transcultural, porém está enraizado em experiências de Deus que são enquadradas pelas histórias sempre específicas e, portanto, contingentes, de indivíduos e comunidades (Martin, 2022).

### **Religião e Crença: o caso do estudo da religião**

John Hick, um importante estudioso da religião e da teologia comparada, desenvolveu uma teoria detalhada sobre o surgimento da religião na cultura humana e sobre um padrão de crença nas principais religiões do mundo (Goetz; Taliaferro, 2022).



Como veremos, a vivência destas crenças é a espiritualidade da religião. Com base no estudo histórico-cultural, Hick afirma que as principais religiões mundiais surgiram nos tempos antigos, quando os humanos desenvolveram uma consciência de sua separação do meio ambiente e desenvolveram formas de consciência menos comunitárias. Neste período de evolução cultural, surgiram experiências religiosas (revelação) que forneceram respostas a questões que os humanos se colocaram desde o início do estudo da cultura humana, nomeadamente questões sobre o significado, sobre o sofrimento e sobre a realidade (Hick 1989; Goetz; Taliaferro, 2022).

Qual é a nossa relação com o cosmos? Como entendemos e lidamos com a morte? Existe um propósito para a vida e, em caso afirmativo, qual é? Como entendemos e convivemos com o sofrimento e o mal? Ou, conforme formulado de forma semelhante por Robert Cummings Neville, um estudioso de teologia comparada e religião, as questões abordadas pelas religiões incluem as seguintes: Como devem ser compreendidas as questões fundamentais da condição humana? Como as pessoas convivem com questões afetivas e de auto definição motivadas por situações limitadas da vida? Quais são as fontes últimas das obrigações e, portanto, qual é o caráter das obrigações últimas e como estas devem ser vividas? Qual é o nosso lugar no cosmos e como devemos nos relacionar com o cosmos? (Braga, 2023). As respostas a estas perguntas tornaram-se as crenças e valores de uma religião.

Assim, como fenômenos da cultura humana, as religiões ofereciam respostas práticas e rituais destinados a orientar a vida. Nas principais



religiões mundiais, estas respostas surgiram como experiências de revelação, que acabaram por ser transmitidas como crenças; deste último evoluíram rituais e práticas para ajudar a viver e integrar tais crenças. As crenças, sejam elas religiosas ou não, orientam práticas que pretendem oferecer maior integralidade e/ou transcendência. Os sociólogos relatam que, “nas ciências sociais, os teóricos escrevem essa prática. É uma forma de compreender como as crenças e suposições influenciam a vida comum” (Braga, 2023).

O estudo histórico-cultural de Hick conclui que as respostas das principais religiões mundiais têm uma crença central e um ideal comum para a jornada de vida. Existe a crença em um outro transcendente, 'unidade de realidade e valor que é pensado como Deus, e o caminho para uma jornada de vida significativa, com crescimento em direção a uma maior totalidade envolve “a mudança repentina ou gradual do indivíduo de um auto preocupação absorvente para uma nova centralização na suposta unidade de realidade e valor” (Hick 1989). Ou seja, o centro a partir do qual alguém vive evolui de um foco egoísta para um que abraça e se preocupa com a realidade atual. A crença chave aqui é que esta transformação é possível através da mediação de uma realidade transcendente, e seguindo esta realidade transcendente envolve um conjunto de práticas e modos de viver a vida que dão sentido e oferecem um caminho para a totalidade (Guimaraes, 2022).

A implicação da análise de Hick é que se os humanos procuram respostas para questões fundamentais, existe uma profunda motivação para viver as respostas, isto é, para tecer crenças num projeto de vida intencional. Escolher conscientemente envolver-se numa jornada de vida



que procure e integre crenças relacionadas ao significado, e à transformação que é congruente com a compreensão da espiritualidade (Hick 1989; Goetz; Taliaferro, 2022).

A definição mais aceita afirma que a espiritualidade tem a ver com a integração consciente da vida em direção à autotranscendência com base nos valores mais significativos. No caso da espiritualidade cristã, as crenças centrais estão no Deus, na possibilidade de relacionamento com esse Deus, e no significado e transformação possibilitados pela graça de seguir e imitar Jesus. Podemos observar que o propósito das religiões na cultura humana (de acordo com a teoria de Hick) coincide com a compreensão contemporânea da espiritualidade. Assim, poder-se-ia dizer que, em termos da sua função original na cultura humana, o objetivo central da religião é oferecer espiritualidade. À medida que as religiões evoluem e se tornam instituições humanas, nem sempre irá funcionar desta forma (Hick 1989; Guimaraes, 2022).

É possível observar, que as principais mudanças culturais na cultura global ao longo dos últimos 70 anos moldaram a forma como as pessoas compreendem e articulam a sua procura de significado e totalidade, bem como a forma como procuram crenças e práticas para responder a essas buscas. O pensamento pós-moderno e a globalização resultaram no ethos cultural de que não existem narrativas normativas. A pós-modernidade questionou a existência da verdade absoluta, considerando a verdade como variável dependendo do contexto cultural e histórico (Menezes; Parlagreco, 2021).



Houve uma virada para os direitos individuais. Isto levou a uma mudança para narrativas individualizadas sobre si mesmo, sobre valores e o significado da vida; isto contrasta com períodos históricos anteriores, quando tais narrativas seriam incorporadas daquelas oferecidas por uma autoridade, como uma tradição religiosa. O pluralismo relacionado nas culturas ocidentais resultou no ethos popular de que uma ampla variedade de valores, ideias e opiniões têm igual valor. Assim, é provável que um crente ocidental, que adere a uma religião tradicional, assuma quase inconscientemente que, além das ofertas da sua igreja, outras fontes de sabedoria são igualmente “verdadeiras” ou valiosas (Menezes; Parlagreco, 2021).

Este ethos encontra terreno fértil na globalização da informação que, juntamente com as tecnologias de comunicação, torna facilmente disponíveis uma variedade de opiniões, valores e projetos de vida sem a mediação de qualquer instituição (como uma tradição religiosa). Uma pluralidade de fontes de sabedoria está facilmente disponível através da internet, mídias sociais, e-books facilmente baixáveis, textos completos em sites e assim por diante. Assim, um praticante do cristianismo tem disponíveis projetos de vida propostos por uma multiplicidade de pessoas, algumas aderindo a religiões tradicionais e outras aderindo a projetos de vida psicológicos, ou projetos baseados no compromisso com um estilo de vida natural, ou projetos baseados numa mistura de crenças. Assim, todas as experiências contribuem para um conjunto híbrido de crenças que orientam a busca por maior plenitude e sentido de vida (De Lavôr et al.,2021).



Estas mudanças culturais coincidem com o que um sociólogo chama de “a reificação do religioso”. Isto é, à medida que as religiões são transmitidas através de instituições humanas, estas instituições, ao longo do tempo, também se concentram na tarefa humana de perpetuar a instituição e podem distanciar-se do seu propósito original na cultura humana, nomeadamente transmitir crenças que ofereçam significado e possibilidade de crescimento e autotranscendência. Assim, as denominações cristãs só por vezes respondem às mudanças culturais oferecendo interpretação das fontes híbridas de sabedoria, de modo que estas possam ser integradas de forma significativa nas crenças tradicionais (De Lavôr et al.,2021).

Assim as ferramentas oferecidas pelas religiões em termos de crenças e rituais devem corresponder às questões humanas sobre o sentido da vida, onde existe a intenção de conviver e superar limitações e sofrimentos. Se a espiritualidade se refere à jornada de viver a vida praticando tais crenças e rituais, então a função da religião na cultura é fornecer espiritualidade. Esta ligação entre religião e espiritualidade sugere que compreender a perspectiva religiosa ou confessional das crenças é significativo para a vivência dessas crenças (Menezes; Parlagreco, 2021).

### **Cultura Globalizada e a Necessidade de Espiritualidade**

A experiência espiritual hoje está, de certa forma, próxima da forma como consideramos os experimentos científicos: ambos podem ser entendidos como uma forma de teste. O seguidor de um caminho espiritual precisa atender a requisitos de verificação de sua experiência comparáveis aos de experimentos científicos. No entanto, ao contrário da ciência, os resultados de tais provações espirituais são a experiência de



uma realidade que vai além da nossa percepção do senso comum. Expressar o conteúdo desta experiência é extremamente difícil. Quando olhamos para a história, qualquer descrição de tal experiência é sempre vista como uma novidade. Isto deve-se a diferentes contextos culturais e sociais e a diferentes “campos de atuação” (Menezes; Parlagreco, 2021).

Hoje, estamos em um momento em que podemos apreciar melhor a exigência e o rigor no seguimento de um caminho espiritual, bem como em relação à concretude que encontramos na ciência. As experiências espirituais contemporâneas, conduzidas como provas em contextos reais, podem oferecer novas respostas aos desafios sociais e culturais reais. E pode levar a formas de espiritualidade que ressoam com a compreensão científica contemporânea (Guimaraes, 2022).

A “cultura globalizada” de hoje é possível graças às novas formas de comunicação. Não existem apenas efeitos positivos óbvios desta nova evolução, porém também efeitos negativos, especialmente os desafios que ameaçam as culturas tradicionais. Este desafio é a padronização da comunicação, das regras de comunicação, porém principalmente do conteúdo da comunicação mundial. Podemos perguntar se existem consequências na experiência humana a nível antropológico, à medida que nos deparamos com mudanças na forma como experienciamos a nós mesmos e aos outros, e mudanças na forma como experienciamos o mundo (Greenwood, 2021).

Um fenômeno recente que pode ser descoberto especialmente nas redes sociais é o aumento da ocorrência de mensagens ou conversas sobre temas espirituais/ religiosos. Isto deve estar relacionado com a necessidade



de identidade sentida pelas gerações mais jovens de hoje, uma necessidade relacionada com o desenvolvimento de uma experiência pessoal ligada a algo mais do que a vida cotidiana. No entanto, este interesse pela espiritualidade assume a forma de uma busca subjetiva, com pouco interesse nas tradições e práticas espirituais (Greenwood, 2021).

É possível associar esta necessidade de experiência pessoal que ultrapassa o habitual, com a busca pela novidade radical e autêntica, por alcançar algo diferente e pessoal. Hoje, estas buscas espirituais assumem uma forma e um conteúdo diferentes daqueles feitos no passado, devido ao impacto da ciência recente e das novas tecnologias. Mas também existe uma espécie de perigo (Wolff; Forte, 2023).

Se concordarmos que a espiritualidade está a crescer hoje em comparação com o passado recente, esta busca é diferente em relação ao passado, e pode não conduzir ao objetivo desejado, uma vez que lhe faltam os marcos familiares, os marcos que a tradição religiosa oferece.

Isto é confirmado pelo significado hoje pouco claro da espiritualidade, o uso do termo tornou-se agora bastante vago e, por outro lado, as práticas espirituais são tão diversas que é difícil aplicar o termo em todos os casos. Isso porque hoje este termo é cada vez mais utilizado para designar práticas não relacionadas com as religiões tradicionais. Entre a geração mais jovem existe uma tendência explícita para a procura de um caminho espiritual que não segue nenhuma prática religiosa tradicional, é uma procura de uma atividade espiritual privada que não segue as regras e a disciplina de práticas religiosas tradicionais, e trata-se de uma tendência que está ocorrendo em todo o mundo (Wolff; Forte, 2023).





Esta busca espiritual é muitas vezes arriscada devido a meios e objetivos inadequados. É arriscado porque pode afetar não só o raciocínio, porém também a saúde do praticante. Neste sentido, faz-se necessário discutir cada vez mais o valor da tradição quando se fala de práticas espirituais. Por “tradição” entende-se com um corpus de regras e exigências que foram estabelecidas através das experiências adquiridas ao longo de muitas gerações, um corpus entendido pelo nome de uma religião (Guimaraes, 2022).

Hoje, mais do que nunca, é necessário ir além do conhecimento fragmentário causado pela abordagem disciplinar e integrar informações provenientes de diferentes perspectivas de investigação. Sem incluir a experiência espiritual como forma radical de prova entre estas perspectivas, não seremos capazes de ter uma compreensão plena e adequada da realidade. Porém alcançar tal objetivo envolve uma tarefa difícil: encontrar uma linguagem comum à experiência científica e à experiência espiritual. A história passada provou como isto é difícil, porém o estudo desta história pode dar-nos as pistas para encontrar a abordagem correta (De Lavôr et al.,2021).

A experiência espiritual pode fornecer novos tipos de soluções para os problemas e crises de hoje, razão pela qual existe um interesse crescente por ela. As tradições espirituais orientais, chinesas, indianas ou cristãs orientais, oferecem uma herança muito rica e complexa que pode ser usada no desenvolvimento de uma compreensão mais complexa da realidade. A prática da espiritualidade, conduzida pelas regras e critérios fornecidos por uma tradição espiritual, pode oferecer uma verdadeira



novidade e novas perspectivas sobre os desafios globais de hoje. Isso acontece porque a prática espiritual é uma forma de descobrir algo não revelado, e esse fato pode ser explicado se levarmos em conta que cada ser humano possui seu próprio caminho espiritual (Assunção, 2024).

É muito importante ressaltar que a história das práticas espirituais não é repetitiva, cada época histórica introduziu algo diferente e novo. Se a filosofia é hoje entendida não

apenas como um empreendimento teórico e especulativo, porém antes ligada à experiência prática, a um modo de vida, então a prática espiritual é uma parte importante dela. E certamente que precisamos de uma perspectiva integrada e integral na investigação, não apenas na ciência, porém também no que diz respeito aos esforços espirituais do ser humano (Assunção, 2024).

## **2. O Papel da Igreja no que diz respeito à Formação Espiritual em uma Era Digital.**

O papel da igreja no que diz respeito à formação espiritual em Cristo é tornar-se uma vez novamente consciente da razão pela qual a igreja existe. A igreja é a família de Deus e existe para ajudar apoiar e ajudar cada membro a crescer em seu relacionamento com Deus para o cumprimento de seu propósito com Deus. O papel principal da igreja é aproximar seu povo de Deus e ajudar na vida espiritual, na formação de seus congregantes. Portanto, o papel da igreja é ser uma comunidade onde as disciplinas espirituais são aprendidas e praticadas para que os congregados possam crescer mais, e assim tornar-se mais semelhante a Cristo (Da Silva Godinho, 2019).



Muitas igrejas já estão usando ferramentas digitais para aumentar a conscientização on-line, ter sites de igrejas e páginas de mídia social agora é bastante normal. As redes sociais também podem ser usadas para organizar eventos, campanhas de arrecadação de fundos e fazer estudos bíblicos online. Parece que a maioria das igrejas promove os seus próximos eventos e oradores usando as redes sociais. É claro que os benefícios de usar a internet desta forma incluem a capacidade de alcançar uma gama mais ampla de pessoas do que estaria disponível de outra forma, criando mais consciência da igreja em comunidades on-line (Greenwood, 2021).

Também é fácil manter os membros da igreja informados sobre datas e horários dos eventos, o que está acontecendo no calendário da igreja e quais celebrações estão por vir. As perguntas que os visitantes ou membros possam ter sobre a igreja podem ser facilmente respondidas e as pessoas podem ser notificadas com informações em vez de terem que procurá-las (Greenwood, 2021).

As igrejas também podem encorajar os membros a se conectarem uns com os outros e com pessoas de fora da igreja digitalmente, por exemplo, configurando bate-papos em grupos privados. As redes sociais podem ser usadas para apresentar pessoas de diferentes círculos de vida a um grupo, como um grupo de jovens ou um grupo doméstico. Esta pode ser uma maneira fácil e não ameaçadora de apresentar alguém a um grupo da igreja antes que ele apareça fisicamente. Por outro lado, as redes sociais podem permitir que os utilizadores se conectem mais com pessoas que só conheceriam dentro de um contexto de grupo e, assim, podem permitir que as amizades dentro de um grupo religioso se tornem mais fortes. Também pode oferecer uma forma de proteção contra comentários



negativos, já que os membros controlam quem pode participar do bate-papo em grupo (Dutra et al., 2021).

No entanto, existem limitações à utilização de ferramentas digitais, tanto como plataforma para promover a igreja como para construir relacionamentos. As igrejas devem ter cuidado com a primeira impressão que podem causar. A qualidade dos materiais online, como websites, é importante; como a nova geração frequentemente encontram grandes volumes de informações on-line, eles são hábeis em decidir rapidamente se vale a pena investir seu tempo naquilo a que estão expostos e podem ser facilmente desencorajados por mídias desestimulantes ou cafonas. Portanto, é importante para o layout do conteúdo digital ser intuitivamente acessível e fácil de navegar (Da Silva Godinho, 2019).

Portanto, uma interface de usuário bem apresentada, informativa e envolvente é importante para alcançar a nova geração, enquanto uma interface mal apresentada ou difícil de usar pode deixar uma impressão pior do que não ter nenhuma. Dito isto, também é importante pensar sobre o que está sendo comunicado pela ausência online de uma igreja a uma geração que está aberta uns com os outros e esperam que os outros também sejam abertos online. Para os nativos digitais é estranho, quase um sinal de falta de confiança, estar digitalmente ausente, quase como se uma organização não se estivesse a tornar acessível, ao passo que a presença e a facilidade de acesso à informação sobre uma igreja podem ajudar a nova geração a sentirem-se positivos em relação a ela (Menezes; Parlagreco, 2021).



Algumas igrejas, portanto, preocupam-se em encorajar um maior foco nas redes sociais e querem resistir a uma transição cultural no sentido de tornar a atividade da igreja cada vez mais digital. Os cultos de “igreja online” são um exemplo da digitalização da igreja e estão a tornar-se cada vez mais populares, para que as pessoas possam assistir aos cultos online à medida que acontecem. Eles também podem gravar cultos, estudos bíblicos e outros eventos e carregá-los no YouTube ou Facebook para que outras pessoas possam assisti-los mais tarde. Uma preocupação é que a capacidade de assistir aos cultos on-line pode encorajar as pessoas a se comprometerem menos a ir à igreja aos domingos. A conveniência de simplesmente poder ligar o computador em vez de sair de casa pode dissuadir as pessoas de estarem fisicamente presentes na igreja. Isto nos traz de volta ao problema das ferramentas online estarem ligadas ao isolamento e à solidão. Mesmo que os participantes online tenham a oportunidade de publicar comentários e fazer perguntas, podem não obter o mesmo nível de interação com outros membros da igreja (Assunção, 2024).

Assim como alguém pode estar fisicamente presente, porém aparentemente ausente, porque a sua atenção está na Internet, alguém pode estar digitalmente presente, porém ser percebido como ausente por outros membros da comunidade que estão fisicamente presentes. Isto leva as igrejas a questionarem se, ao fornecerem experiências on-line de reuniões eclesiais, eles estão privando os jovens da comunidade, que é necessária para desenvolver uma igreja forte (Menezes; Parlagreco, 2021).

No entanto, o medo de que isto aconteça não deve declinar a vontade de uma igreja de prover àqueles que são impedidos de ir à igreja. É claro



que o objetivo principal disto é uma maior inclusão disponibilizar serviços online significa que aqueles que não podem estar fisicamente presentes na igreja aos domingos ainda têm a oportunidade de ouvir e participar no ensino e adoração semanais. Para estes, a oportunidade de ouvir o sermão é algo que de outra forma não poderiam ter ((Wolff; Forte,2023; Da Silva Godinho, 2019).

Dito isto, é válido ter cuidado com a ênfase excessiva na vida digital da Igreja, negligenciando a comunhão física. O valor da presença física é modelado pelo próprio Jesus, que se encarnou para estar conosco na carne. Devemos compreender plenamente a importância da presença física de Jesus: quando Jesus foi estar com as pessoas na casa delas, como quando visita a casa de Zaqueu em Lucas 19.1-10, foi um sinal do seu favor.

Como vemos em Lucas 24.39, Jesus sentiu necessidade de permitir que as pessoas o vissem como presente após sua ressurreição, pois isso satisfaz o desejo de evidências de quem ele era e do que havia feito. Jesus entendeu o valor daquilo que a presença física comunica: comunica que quem está presente valoriza quem está ao seu redor e está disposto a atender às necessidades dos outros. Por isso, é importante para nós também ter em mente a mensagem encorajadora de que a presença física comunica algo sobre o nosso relacionamento com a comunidade. No entanto, a nova geração, a quem se dirige grande parte da atividade digital, estão preocupados com isso. Eles reconhecem que há valor em uma simples conversa no final do culto, no convívio e na troca de pensamentos, sentimentos e pedidos de oração. Há valor nas xícaras de chá e nas refeições pós-igreja compartilhadas juntos. Eles reconhecem que relacionamentos genuínos não são construídos apenas por



experiências compartilhadas, porém por conversas compartilhadas sobre essas experiências.

As igrejas que estão preocupadas com o equilíbrio entre as suas taxas de frequência física e digital podem atrair aqueles que estão envolvidos online para fazerem parte da comunidade pessoalmente, enfatizando os benefícios de o fazerem para a comunidade, e não apenas para o indivíduo. É verdade que há algo profundamente encorajador em nos reunirmos e podermos interagir de forma tangível com outros membros da Igreja. Não há mal nenhum em lembrar às pessoas que a sua própria presença pode contribuir para esse efeito em outras pessoas. As igrejas podem incentivá-los a assumir funções, seja como membros de uma equipa de boas-vindas, como voluntários ou como mentores de alguém de outra geração. No entanto, é importante que as igrejas possam fazer isso sem serem beligerantes para com aqueles que precisam ficar em casa enquanto assistem a um culto. Devemos ter cuidado para não chegarmos rapidamente à conclusão de que aqueles que não conseguem estar fisicamente presentes não valorizam as suas comunidades, uma vez que o valor também pode ser expresso de outras formas (Assunção, 2024).

As interações online entre pessoas nas redes sociais não precisam ser superficiais e podem consistir em mais do que apenas emojis, memes e selfies. Se houver intencionalidade nas interações on-line, elas serão tão construtivas de relacionamento quanto as presenciais. As igrejas podem encorajar aqueles que estão digitalmente envolvidos a usar plataformas online como meio de ministrar às pessoas, promovendo conversas mais profundas. Por ministrar referimo-nos a partilhar o evangelho e satisfazer



as necessidades dos outros, incluindo responder às suas perguntas e satisfazer o seu desejo de se envolverem (Greenwood, 2021).

Treinar novos ministros é um aspecto crucial do modelo bíblico de discipulado. A nova geração pode ter oportunidades ministeriais para desenvolver o seu próprio conteúdo baseado na fé, organizar eventos, gerir a conta nas redes sociais, etc. Mesmo que um jovem não tenha permissão para officiar, o mundo digital oferece uma esfera separada, porém relacionada, na qual eles podem ministrando (Assunção, 2024).

### **Considerações Finais**

A espiritualidade é um termo inclusivo que não se limita às elites, como os celibatários monásticos. A 'espiritualidade' expandiu-se para além da atenção a uma gama limitada de fenómenos, por exemplo o misticismo, para incluir os valores e estilos de vida de todos os cristãos, além disso, ganhou considerável aceitação ecumênica e, portanto, os estudos de espiritualidade tendem a recorrer às riquezas de uma herança cristã compartilhada, em vez de se limitarem a entendimentos sectários de “vida no Espírito”. O termo também encontrou aceitação no diálogo inter-religioso e não está mais limitado à experiência cristã. De forma mais controversa, a espiritualidade tem sido usada para descrever os valores mais profundos de pessoas que não professam nenhum sistema de crenças religiosas coerente.

Em segundo lugar, a espiritualidade tornou-se mais intimamente associada à teologia e à exegese bíblica do que nos últimos séculos. Vários grandes teólogos e “escolas” teológicas mais uma vez levam a experiência a sério como tema de reflexão. Isto tem sido associado a uma renovada





teologia da graça e da pessoa humana. Em alguns casos, a reflexão sobre a experiência e a questão da relação entre experiência e tradição tornaram-se o cerne do método teológico. Uma área específica onde existe um diálogo frutífero é a inter-relação entre espiritualidade e teologia moral. A teologia moral deixou de se preocupar principalmente com a qualidade das ações e passou a ter um interesse maior nas disposições de caráter das pessoas. Houve uma mudança das ações humanas para o agente humano e uma consciência crescente da unidade básica entre a vida moral e a vida espiritual. Vários escritores sugeriram que a tarefa conjunta da espiritualidade contemporânea e da teologia moral é explorar entendimentos renovados de 'virtude' (isto é, o que permite a uma pessoa tornar-se verdadeiramente humana dentro de um compromisso com Cristo e auxiliada pela ação da graça). e 'caráter' (ou o que deveríamos ser, em vez de fazer, se quisermos nos tornar pessoas plenamente humanas).

A espiritualidade não está tão preocupada em definir a “perfeição” de forma abstrata, porém em examinar o complexo mistério do crescimento humano no contexto de relacionamentos dinâmicos com Deus. Da mesma forma, a espiritualidade não se limita à interioridade, porém procura integrar todos os aspectos da experiência humana. É evidente que isto afeta a sua definição real. Quanto mais ampla for a bússola, maior será o problema da coerência e o perigo de subsumir a espiritualidade à “religião em geral”. Assim, 'a vida espiritual é a vida de toda a pessoa dirigida a Deus'. Os teóricos contemporâneos aceitam que a definição se torna mais complexa quando deixamos de separar a dimensão espiritual da existência humana da materialidade. Quaisquer que sejam os problemas, a espiritualidade contemporânea como área de reflexão tenta integrar



valores religiosos e humanos, em vez de se concentrar exclusivamente em questões como fases da oração.

Para algumas pessoas, a ênfase contemporânea na experiência como ponto de partida para a espiritualidade está associada a uma tentativa de defini-la em termos genéricos, isto é, 'espiritualidade como tal'. Na prática, as espiritualidades são específicas e têm referentes doutrinários particulares. É isto que torna possível separar o autêntico do não autêntico na espiritualidade. Cada tradição religiosa tem testes para a autenticidade da experiência espiritual baseados não apenas em considerações amplamente humanas, porém também nas crenças fundamentais da tradição.



## Referências Bibliográficas

ASSUNÇÃO, B. A. F. Universalismo e Tradições Celtas na Busca Humana por Significado. RCMOS-Revista Científica Multidisciplinar O Saber, v. 1, n. 1, 2024.

BRAGA, T. A espiritualidade cristã como caminho para uma vivência dialogal e prática. REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões, v. 17, n. 2, p. 407-420, 2023.

DA SILVA GODINHO, D. M. et al. Com a palavra, os jovens: religião, espiritualidade, cultura e globalização. Protestantismo em Revista, v. 44, n. 2, p. 85-98, 2019.

DE LAVÔR, I. et al. A pós-modernidade sob análise. Pesquisas em Teologia, v. 4, n. 8, p. 233-246, 2021.

DE OLIVEIRA RIBEIRO, C. Alteridade, espiritualidade e pandemia. Caminhos do Diálogo, v.8, n.13, pág. 231-248, 2020.

DUTRA, D.S. G.; GUINDANI, E.; ZANANDRÉA, R. P. Espiritualidade cristã e compromisso social: Um desafio de amor. Revista Teopraxis, v. 38, n. 131, p. 7-16, 2021.

GOETZ, S.; TALIAFERRO, C. The encyclopedia of philosophy of religion. Wiley Blackwell, 2022.

GREENWOOD, L. Cultura Jovem Global: Como suprir a fome espiritual de uma geração. Editora Mundo Cristão, 2021.

GUIMARAES, M. R. A Contribuição da Espiritualidade Cristã para a Redescoberta do Sentido da Vida. Atualidade Teologica, v. 26, n. 69, 2022.

HANSON, B.C. Modern Christian Spirituality: Methodological and Historical Essays, Atlanta: Scholars Press. 1990.

HICK, J. The Myth of God Incarnate, London: SCM Press.1989.

KINERK, E. 'Towards a Method for the Study of Spirituality', Review for Religious, n. 40, v.1, p.3-19.1981.



MARTIN, J.L. A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Editora Vozes, 2022.

MENEZES, F. T.; PARLAGRECO, N. M. A igreja na pós-modernidade. Caderno Intersaberes, v. 10, n. 25, p. 196-210, 2021.

PRINCIPE, W. 'Towards Defining Spirituality', Sciences Religieuses n. 12, v.2, p. 127– 41.1983.

SCHLAEPFER, C. F.; CHAVES, R. R. de O. C. A espiritualidade na vida e realidade do ser humano. RHEMA, v. 18, n. 56, p. 80-97, 2020.

SCHNEIDERS, S. 'Theology and Spirituality: Strangers, Rivals or Partners?', Horizons, n.13, v.2, p. 253–74. 1986.

\_\_\_\_\_. 'Spirituality in the Academy', Theological Studies, n. 50, p.676–97.1989.

SHELDRAKE, P. Spirituality and History: Questions of Interpretation and Method, London: SPCK. 1991.

WISNIEWSKI, E. A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Revista Encontros Teológicos, v.38, n.1, 2023.

WOLFF, E.; FORTE, M. V. Correntes espirituais em diálogo: desafios e possibilidades atuais. Revista de Cultura Teológica, v. 31, n. 104, p. 163-185, 2023.

